

**Tarcyanie Cajueiro
Santos**

Universidade de Sorocaba, Uniso

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-7913-3492>

**A dama fatal: uma análise
sobre narrativas de Bethe
Correia na série documental
*Mulheres na Luta***

**Femme fatale: na analysis of
Bethe Correia's narratives in
the documental series
*Mulheres na Luta***

**Dama fatal: análisis de las
narrativas de Bethe Correia
em la serie documental
*Mulheres na Luta***

RESUMO*

O artigo reflete sobre a representação do gênero feminino na série documental *Mulheres na luta*. Objetiva compreender a construção dos sentidos sobre os quais a concepção de gênero aparece no documentário. A análise está centrada no modo como as relações de gênero são construídas pelas atletas ao narrarem suas vidas a partir de um esporte de combate. O corpus recai sobre a lutadora brasileira de MMA (sigla em inglês para Artes Marciais Mistas) Bethe Correia, quinto episódio da série. O referencial teórico-metodológico se apoia em análises de narrativas e no conceito de gênero em uma perspectiva pós-estruturalista. O episódio constrói uma narrativa na qual a protagonista – Bethe Correia – desafia fronteiras binárias de gênero; porém, ainda reafirma as convenções de gênero informadas pela matriz heterossexual, buscando se encaixar no padrão hegemônico de beleza feminina. **Palavras-chaves:** comunicação e cultura; esporte e gênero; série documental; narrativas; relações de gênero.

ABSTRACT

The article reflects on the representation of the female gender in the documentary series *Mulheres na luta*. The goal is the understanding of the meanings on which the concept of gender appears in the documentary. The analysis focuses on the way gender relations are built by athletes when narrating their lives from a combat sport. The corpus falls on the fifth episode, on the Brazilian MMA fighter Bethe Correia. The theoretical-methodological framework is supported by narrative analysis and the concept of gender in a post-structuralist perspective. The episode builds a narrative in which the protagonist – Bethe Correia – challenges binary gender boundaries; however, it still reaffirms the gender conventions informed by the heterossexual matrix, seeking to fit the hegemonic pattern of female beauty.

Keywords: communication and culture; sport and gender; documentary series; narratives; gender relations.

RESUMEN

El artículo reflexiona sobre la representación del género femenino en la serie documental *Mulheres na luta*. El problema es la comprensión de los significados en los modos que aparece el concepto de género en el documental. El análisis se centra en la forma en que los atletas construyen las relaciones de género al narrar sus vidas desde un deporte de combate. El corpus cae en el quinto episodio, en la luchadora brasileña de MMA Bethe Correia. El marco teórico-metodológico se apoia en El análisis narrativo y el concepto de género en una perspectiva post estructuralista. El episodio construye una narrativa en la que la protagonista, Bethe Correia, desafia lo límites binarios de género; sin embargo, aún reafirma las convenciones de género informadas por la matriz heterossexual, buscando ajustarse al patrón hegemónico de la belleza femenina.

Palabras-clave: comunicación y cultura; deporte y género; serie documental; narrativas relaciones de género.

* Este trabalho é uma versão do apresentado no **GT8. Cultura, gênero e sexualidade. V Congresso Internacional sobre Culturas: Que Cultura(s) para o Século XXI? Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 6 a 8 novembro de 2019.**

Submissão: 25-4-2021

Decisão editorial: 7-2-2022

Introdução

Este trabalho apresenta os resultados parciais de uma pesquisa financiada pela Fapesp sobre esporte e gênero, a partir dos eixos comunicação e cultura. Busca refletir sobre as representações das atletas do MMA (*Mixed Martial Arts*, sigla em inglês para Artes Marciais Mistas), contratadas pelo UFC (*Ultimate Fighting Championship*) na mídia brasileira, dada à urgência de uma discussão mais aprofundada sobre os padrões midiáticos e a questão do gênero. Ao pensar gênero para além de seu aspecto descritivo, partimos de uma perspectiva que o considera como uma categoria analítica relacional e epistemológica. A mídia, por sua vez, é pensada como uma “tecnologia de gênero” (LAURETIS, 1993). Tomando este pressuposto como ponto de partida, elegemos a análise e interpretação do quinto episódio sobre a lutadora Bethe “Pitbull” Correia, intitulado “Mulher fatal”, que compõe a série documental *Mulheres na luta*, cuja estreia ocorreu no dia 2 de dezembro de 2018, no GNT, canal da Rede Globo. Coproduzida pelo UFC, pela plataforma de *pay-per-view* Combate e a produtora Conspiração, a série conta, em oito episódios, a história de nove atletas brasileiras do MMA.

Dirigida por Flávio Barone e uma equipe de mulheres, a série objetiva contar como foi a intro-

dução dessas atletas no MMA, mostrando a partir de suas narrativas, seus desafios, dificuldades e vitórias, antes mesmo de terem entrado neste esporte. O diretor menciona que evitou um olhar diferente do já apresentado, procurando filmar um novo prisma (ROCHA, 2018). Diante disso, perguntamos como a série documental representa simbolicamente essas atletas. E ainda, como as relações de gênero e seus desdobramentos na experiência esportiva são construídos pelas atletas ao narrarem suas vidas a partir de um local tradicionalmente masculino, como é o MMA?

Bethe "Pitbull" Correia é uma lutadora brasileira da categoria peso-galo de MMA, que iniciou sua carreira em 2012. Nascida em Campina Grande, Estado da Paraíba, com apenas três meses no MMA fez sua primeira luta profissional e, em um ano, ganhou cinco lutas. Devido a este feito, Bethe passou a ser vista como um fenômeno e foi contratada pelo UFC em 2013. Visando sagrar-se campeã mundial de UFC, Bethe desafia Ronda Rousey, primeira detentora do "Cinturão Peso Galo Feminino" do UFC e uma das melhores atletas do campo dos esportes de combate. Até então invicta, Bethe perde para a campeã Ronda Rousey aos 34 segundos, em uma luta que teve uma repercussão midiática muito intensa, bem antes de acontecer.

Este evento é o pano de fundo sobre o qual se assenta o episódio "Mulher fatal". Para discuti-lo, em um primeiro momento, será descrito e analisado o contexto sócio-histórico de produção, transmissão e recepção do referido episódio, focando a história do UFC, a partir dos aspectos midiáticos desse esporte. Em um segundo momento, apresentamos o percurso metodológico e o referencial teórico utilizado. Por fim, expomos a análise e interpretação do episódio.

Do Vale-tudo ao MMA: o espetáculo no UFC

O esporte moderno surgiu na Europa no século XVIII e a partir de então se estendeu para todo o mundo. Oriundo de uma sociedade industrial e urbana, contribuiu para a compreensão dos princípios e valores sobre os quais as sociedades capitalistas se organizam. Nesse sentido, pode ser pensado como um esporte de alto rendimento ou espetáculo, na medida em que transformou-se em mercadoria veiculada pelo sistema midiático, como defende Bracht (2005).

As Artes Marciais Mistas estão inseridas nesta concepção de esporte moderno, voltado ao combate, à competição e ao alto rendimento, caracterizando-se “[...] pelo emprego de técnicas oriundas de diversas artes marciais e/ou esportes de combate, como capoeira, *jiu-jitsu*, *muay-thai*, *kickboxing*, *taekwondo*, *caratê*, *judô*, *wrestling*, *boxe*, *luta livre* e *kung fu*” (GREESPAN, 2014, p.14). O MMA inicialmente estava ligado aos combates de vale-tudo promovidos no Rio de Janeiro pelos irmãos Grace no início do século XX, cujo objetivo era provar a supremacia do *jiu-jitsu* brasileiro sobre outras modalidades. É reinventado nos Estados Unidos em 1993, por meio do UFC, como um evento de lutas mistas, transmitido pela TV ao vivo em *pay-per-view* no formato de show. O objetivo do programa era promover uma disputa de Vale-Tudo entre diferentes estilos de artes marciais, buscando provar qual técnica era superior. A apropriação do MMA pelo UFC se faz a partir de interesses mercadológicos e de sua imbricação com os meios de comunicação, mais especificamente como um produto midiático, como afirma Alvarez:

Se lembrarmos o processo de criação do *Ultimate Fighting Championship (UFC)* – atualmente principal

torneiro de MMA em todo mundo – desde a escolha dos lutadores até a concepção de ringue octogonal, lembraremos que inicialmente seu objetivo era muito mais a criação de um produto midiático do que uma disputa esportiva (ALVAREZ, 2013, p.7).

Após ser comprado, em 2001, pelos irmãos Fertitta, empresários do ramo de entretenimento, o UFC deixa de ser um campeonato derivado de uma arte marcial específica para focar em lutadores individuais e suas técnicas de combate, passando por um processo de esportivização, com o aparecimento de categorias e de uma regulamentação mais rígida.

Hoje em dia, o UFC é a maior organização profissional de artes marciais mista e comporta o principal torneio de MMA do mundo, refletindo o contexto econômico e sociocultural no qual está inserido. Seu sucesso é tão grande a ponto de ser confundido com o MMA, que é uma modalidade esportiva. O ex-campeão “Peso Médio” do UFC, Anderson Silva chama atenção para esse fato: “O UFC não é esporte. É uma entidade. MMA é esporte. UFC é uma marca que transmite e faz luta de MMA. Um por todos, todos por um e vitória na guerra” (SILVA, 2017). O UFC, maior campeonato das artes marciais mistas (MMA), tornou-se um dos espetáculos mais vistos no mundo. Vendido em 2016 por cerca de US\$ 4 bilhões, o valor do UFC é maior que o do time de futebol, Real Madrid, e do time de beisebol, New York Yankees. Para se ter uma ideia de sua magnitude no mundo esportivo, de acordo com a *BBC Brasil*:

A UFC organiza pelo menos 40 eventos por ano, frequentemente com lotação esgotada. As lutas são transmitidas para 156 países, em 29 línguas, atingindo um bilhão de domicílios. Os números também são ex-

pressivos nas redes sociais: três milhões de seguidores no YouTube, quatro milhões no Twitter (um crescimento de 80% desde 2014) e cinco milhões no Instagram. Segundo a Forbes, a média de idade dos fãs do UFC é de 37,8 anos, o que pode ser até 12 anos mais jovens que o de adeptos de outros esportes profissionais nos EUA. (DEL SANT, 2015).

Essas informações nos mostram que do ponto de vista econômico, o UFC origina-se em uma época marcada pelo aumento global da concentração de poder dos grandes conglomerados e do crescimento de fluxo de informação, capitais e mercadorias. Do ponto de vista sociocultural, ele contribui para a disseminação de valores neoliberais, como a defesa de que o indivíduo seja o empreendedor de si mesmo. A origem e o crescimento do UFC, dessa forma, estão relacionados à ampla divulgação midiática na chamada “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999), cuja difusão ocorre por meio de sites, blogs, televisão, canais de PPV, revistas, entre outras mídias. A internet foi crucial para sua popularização e consequente aumento do número de espectadores. As redes sociais digitais – com comentários de lutadores, treinadores e fãs – ajudaram a criar expectativas em relação às lutas e às(aos) próprias(os) atletas. Dessa forma, o UFC segue os moldes da sociedade do espetáculo – na qual impera uma “[...] relação social mediatizada entre pessoas por imagens” (DEBORD, 2007, §4) – e suas(es) atletas são verdadeiras celebridades. “Celebridades que, com frequência, fazem o papel de garotas(os)-propaganda de grandes empresas, representando estilos de vida associados à sociedade midiática e de consumo” (SANTOS & LOPES, 2018). A penetração midiática do UFC combina-se com o *marketing* espor-

tivo, que contribui para divulgar os eventos e as(os) atletas, chamando a atenção dos patrocinadores.

Nesse contexto, o MMA torna-se um produto global, passando a ser assistido e praticado não apenas por homens, mas também por mulheres. O UFC também está em crescimento no Brasil, como constatado pela pesquisa realizada pela Quantas, que mostrou um aumento em 2014 de 25% da base de TV de assinatura do Brasil com interesse em MMA em relação a apenas 13% em 2005. De acordo com o vice-presidente do UFC, Joe Carr, o Brasil está entre os cinco principais mercados para o UFC, com de 7% a 10% da receita global e, esse número só tende a crescer. Há "cerca de 35 milhões de fãs no Brasil — basicamente jovens de 18 a 35 anos, de todas as classes sociais. Nesse universo, 55% são homens e 45% são mulheres" (CARR apud FILIPPE, 2017). O crescimento deste público se relaciona com a presença de lutadoras de sucesso, como Amanda Nunes, Ronda e Cris Cyborg. Também Grespan (2014) aponta que com a contratação de lutadoras pelo UFC, a participação delas no MMA vem crescendo significativamente:

Em dezembro de 2012, havia duas lutadoras oficialmente contratadas. Já em maio de 2014, havia 25 atletas oficialmente contratadas. O primeiro *ranking* oficial do UFC da categoria das mulheres foi divulgado em 4 de março de 2013, a primeira mulher no *ranking* do peso por peso foi divulgada em 16 de dezembro de 2013 (GRESPLAN, 2014, p. 26).

Entre as diversas lutadoras desta modalidade, a americana Ronda Rousey foi a que obteve maior visibilidade midiática. Muito embora as mulheres partici-

pem das lutas de MMA desde os anos 1990, conforme salienta Grespan (2014), elas só ganharam visibilidade em 2012, com a contratação da americana pelo UFC. Durante muitos anos o presidente do UFC, Dana White, manifestou-se contra a inserção das mulheres no evento, até aparecer a Ronda Rousey. As palavras de White são reveladoras sobre a importância desta atleta para a inserção das mulheres no UFC: “‘[...] O MMA feminino só está no UFC por causa dela. Ela é a campeã e merece estar aqui’” (WHITE apud VICENTIM, 2013).

Ronda, atualmente aposentada, foi considerada uma das melhores atletas do campo dos esportes de combate, tendo sido a primeira medalhista de judô dos Estados Unidos em *Jogos Olímpicos*, conquistando a medalha de bronze em Pequim, em 2008. A norte-americana tornou-se uma celebridade ao conquistar o cinturão “Peso-galo” do *Strikeforce*¹ e foi a primeira detentora do “Cinturão Peso Galo Feminino” do UFC. Contratada para fazer parte do evento em 2012², até então invicta no MMA, Ronda era vista como modelo a ser seguido. Vencer Ronda, portanto, significava se tornar campeã do UFC e ter os holofotes da mídia e patrocinadores. A emergente lutadora brasileira Bethe Pitbull Correia, ao buscar o título mundial do torneio, passou a desafiar Ronda com provocações e após três vitórias seguidas, no dia 2 de agosto de 2015, no Rio de Janeiro, ela se tornou a primeira brasileira a disputar um título mundial no UFC, em uma das lutas mais aguardadas da história

¹ *Strikeforce* foi fundado em 1985 como uma organização de *kickboxing*. Foi vendida em 2011 à sua concorrente UFC.

² Ronda perdeu a sua invencibilidade apenas no final de 2015, para Holly Holm.

do *UFC*, contra a então campeã Ronda Rousey – única derrota de sua carreira até naquele momento.

Bethe Pitbull Correia, diferentemente de outras lutadoras, começou sua carreira relativamente tarde no *MMA* e, com o objetivo de alavancar resultados mais rápidos, esta atleta usou as redes sociais para conseguir lutas. Ela também lançou mão do *trashtalk*, que é uma estratégia de *marketing* bastante comum no *UFC*, na qual o (a) atleta ofende, xinga e critica o desempenho daquele (a) que deseja como adversário (a), como fez quando provocou Rousey ao dizer que ia derrotá-la do mesmo modo que fez com suas amigas e companheiras de treinamento. *Trashtalk* é muito comum no *UFC* e mostra a lógica de espetacularização sobre a qual opera o campeonato, na medida em que a intensificação da rivalidade entre as lutadoras e não propriamente a luta em si promove o evento, o transformando em um grande espetáculo midiático de amplo alcance. Trata-se, dessa forma, de uma estratégia de *marketing* utilizada por várias atletas para promover suas lutas ou conseguir para si as *money fights*, “lutas do dinheiro”, que por atraírem mais atenção midiática, são combates considerados mais rentáveis. Segundo Jardim (2017, p.78), seu uso pode algumas vezes ultrapassar a ofensa verbal, com provocações “[...] ou reações físicas acaloradas – geralmente empurrões, mas em algumas poucas vezes, tentativas de realmente partir para a briga com socos ou outros golpes; ação que os seguranças do *UFC* estão prontos a cessar imediatamente, se necessário”.

Outras estratégias usadas no *UFC* são as encaradas. Tal como as *trashtalks*, as encaradas, que colocam as atletas frente a frente na véspera das lutas e no dia da pesagem, também servem para promover

as lutas. Para Jardim (2017, p.79), “muitos(as) utilizam-se do momento das encaradas para realizar *trash talk* cara a cara com o(a) oponente, simular ameaças físicas ou mesmo tocar o corpo do(a) adversário, em tom provocativo”.

O episódio da série mostra, a partir de Bethe Correia, o *mise-en-scène* midiático que antecedeu e fomentou a luta, gerando uma das maiores rendas da história do UFC com a intensificação da rivalidade entre as atletas. As provocações entre as atletas ultrapassaram a esfera esportiva e extrapolaram para questões pessoais, relacionadas à família e à intimidade das atletas, especialmente a de Ronda. Essas provocações foram intensamente exploradas pela mídia e pelo UFC, gerando uma narrativa espetacular e espetaculosa que perpassou o antes e o depois da luta. A partir dessas provocações criou-se uma ambiência de confronto e troca de insultos que foi exaustivamente explorada pela mídia, gerando uma narrativa na qual as lutadoras se tornaram personagens heroica (no caso de Ronda) e anti-heroína ou vilã (no caso de Bethe Correia). Com polêmicas e provocações, Bethe Correia conseguiu não apenas uma luta pelo cinturão com a então campeã Ronda, como também despertou um sentimento de ódio e indignação entre o público, incluindo os brasileiros que torceram pela norte-americana.

Referencial Teórico e Metodologia

Conforme observam Jacques Aumont e Michel Marie (2004), uma vez que não existe um método universal para analisar filmes (incluindo as séries documentais), é preciso escolher aquele que melhor se ajuste ao objeto da pesquisa. Nas suas palavras, “[...] até certo

ponto, não existem senão análises singulares, inteiramente adequadas no seu método, extensão e objeto, ao filme particular de que se ocupam" (AUMONT; MARIE, 2004, p.15). A leitura realizada buscou lançar um olhar atento tanto para suas dimensões visual e verbal quanto para as relações entre elas. Para realizar a leitura, primeiro, foi assistida repetida, cuidadosa e detalhadamente, buscando identificar as principais temáticas envolvidas. Em seguida foram transcritas as falas enunciadas no documentário, a fim de servir de apoio para uma análise mais abrangente. Buscou-se entender como os ângulos da câmara, o ambiente das cenas, a caracterização das personagens, as falas, os silêncios, as ausências contribuía para a tessitura dos fios narrativos e para a construção do ponto de vista da protagonista, que é a atleta Bethé Pitbull.

Partindo dessa perspectiva, já realizada em outro trabalho (SANTOS & LOPES, 2016), foram analisadas as características do episódio segundo o modelo simplificado de estrutura narrativa utilizada por Gancho (2006) denominado como "elementos da narrativa", que estão presentes em todas as formas de narrativas, como por exemplo, em novelas, filmes, documentários, gibis, também se aproximando da estrutura da série documental. Sobre a análise da construção de personagens, nos centramos nas duas funções principais, a do herói e a do anti-herói (ou protagonista e antagonista). Seguindo o modelo proposto, toda narrativa é composta por um tema, que diz respeito a ideia em torno da qual a história se desenvolve. O tema, por sua vez, não pode ser confundido com o assunto e a mensagem da narrativa. O assunto é a concretização do tema, ou seja, como o tema é desenvolvido nos fatos da história e a mensagem é a

conclusão que se pode tirar da história, que mensagem ela quis passar. Nessa perspectiva, uma narrativa se estrutura a partir de cinco elementos: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador. Assim, toda história é construída por fatos, que são vividos pelos personagens, num determinado tempo e lugar. Segundo Gancho (2006), um enredo é um conjunto de fatos de uma história, com partes que formam uma lógica interna (verossimilhança), compreendendo um elemento estruturador (conflito), que dá movimento e vida a essa história, além de determinar as partes do enredo, que são: exposição (introdução ou apresentação), complicação ou (desenvolvimento do conflito), clímax (momento de maior tensão, devido à intensificação do conflito) e desfecho (desenlace ou conclusão, resolução dos conflitos).

Por conseguinte, outro aspecto importante sobre o qual a análise do documentário se apoia é o referencial teórico. A fim de se compreender os sentidos sobre os quais a concepção de gênero se manifesta no episódio, buscou-se pensar gênero a partir de autoras feministas, como Lauretis (1993), Scott (1995) e Butler (2003), que o consideram uma categoria analítica relacional e epistemológica, ao compartilharem dos pressupostos pós-estruturalistas. Isso porque para teorizar o gênero para além das descrições e generalizações redutivas ou simplistas, que caíam em uma suposta identidade entre todas as mulheres, essas pensadoras precisaram sair “ [...] dos quadros de referência tradicionais das ciências sociais, que utilizavam formulações há muito estabelecidas e baseadas em explicações causais universais”, como menciona a historiadora Scott (1995, p.83).

O pós-estruturalismo, apesar de ocasionar debates, sendo muitas vezes substituído pelo termo des-

construção, tomado por empréstimo de Derrida, serve como um recurso epistemológico pensado por essas autoras feministas, que reconhecem a importância dessa perspectiva em suas críticas ao universalismo, binarismo, essencialismo e ao racionalismo iluminista. Fiel a esse princípio, a leitura desconstrutivista de um texto nunca alcança um significado final ou completo, pois seu sentido está em sua ausência. Tampouco o poder é encarado como uma estrutura fechada e centralizada, pois se manifesta como constelações dispersas de relações desiguais, discursivamente constituídas. Salih (2015) em seu livro sobre Judith Butler e a teoria Queer, aponta às influências que compõem o pensamento desta filósofa, chamando atenção para o pós-estruturalismo e seus mais proeminentes autores:

Entre os pensadores-chave associados com o pós-estruturalismo estão Paul de Man, Jacques Derrida e Michel Foucault. A crítica desconstrucionista tenta solapar as bases da metafísica ocidental, ao questionar e dissolver as oposições binárias, colocando em evidência seu caráter idealista e mostrando o quanto elas dependem de um *centro* ou de uma *presença essencial* (SALIH, 2015, p.34)

Dessa maneira, ao se basear no pós-estruturalismo que questiona a noção do sujeito universal e concepções clássicas de identidade e agência, as teóricas do estudo de gênero defendem a existência de um sujeito provisório e cindido. E vão além, na medida em que historicizam conceitos tratados como naturais, tais como as categorias de homem e mulher, mostrando suas limitações. Dito de outro modo, essas feministas, a despeito de suas especificidades conceituais, participaram da reformulação da ideia de gênero até então utilizada por meio da chave

conceitual “sexo/gênero” formulada pela antropóloga Gayle Rubin (1993), que associa sexo à natureza e gênero à cultura. Para além de considerar sexo como algo fixo e gênero como variável e flexível caindo em uma classificação binária, Butler, Scott e Lauretis defendem que a distinção entre masculino e feminino não esgota os múltiplos sentidos do gênero e são criadas na articulação com outras diferenças, como classe social, raça, nacionalidade, idade. Essas reelaborações “[..] ampliam a ideia de humano, abrindo o espaço da compreensão, da inteligibilidade e da dignidade também para todos/as ‘diferentes’, em termos de gênero e sexualidade (PISCITELLI, 2009, p.146).

A partir dessa perspectiva, gênero tal como a sexualidade aparece como um sistema que produz diferenças, pois se insere em relações sociais e culturais concretas que separam homem e mulher classificando-os como duas categorias complementares e opostas, em meio a relações de poder e de subordinações.

O sistema sexo-gênero, enfim, é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia etc) a indivíduos dentro da sociedade (LAURETIS, 1993, p.212).

Esse sistema não apenas é produto, como também é produzido por diversos discursos, que têm o poder de dominar corpos e regular gêneros por meio dos mais diversos dispositivos “[...] que se multiplicam e proliferam em diferentes formas de subjetivação e enunciados de ação” (2008, p.194). As identidades aparecem então como efeitos de organizações

de saberes que se dão por meio de uma complexa "tecnologia de gênero" (LAURETIS, 1993), fabricando dispositivos que exercem uma forma de regulação social. Cinema, mídia e narrativas aparecem como tecnologias de gênero, que atuam como uma representação e uma auto-representação de diferenças binárias, raciais, sexuais e corporais, como o próprio episódio em questão.

Vejamos a partir do documentário como se deu a representação dessas atletas e de que forma o fato de essas lutadoras serem mulheres criou ou não uma personificação de Bethe Correia como vilã, conforme o título do episódio - mulher fatal.

Análise e interpretação do corpus

Mulher fatal é o título que abre o quinto episódio de série e conta a história da lutadora Bethe Pitbull, nos colocando diante de uma narrativa cujo enredo parece se fundamentar numa personagem que aparece como anti-heroína e tem como desfecho uma luta épica contra a sua antagonista, Ronda Rousey, considerada a musa do *UFC* na época e uma das melhores atletas de esporte de combate, sendo a primeira detentora do "Cinturão Peso Galo Feminino" do *UFC*.

No início do documentário, Bethe aparece muito séria e compenetrada, com a sua equipe, entrando no ringue do *UFC*, com uma bandeira sobre as suas costas. Ao fundo, a sua voz dizendo que as mulheres paraibanas, como ela, são muito aguerridas, muito ousadas. Desde o começo Bethe nos apresenta uma personagem de espírito guerreiro, muito decidida e com uma imensa força interior. Ao contar como se iniciou no *MMA*, Bethe diz: "eu não fui aquela garota que fui para a academia aos pouquinhos e vi se gostava ou

não. Já fui muito decidida do que eu queria na vida". Bethe conta que foi para uma academia para manter a boa forma, e acabou sendo uma lutadora de *kung fu*, que tinha competição. Depois de dois meses de treino, procurou uma academia de MMA para competir e se profissionalizar. Em suas palavras:

eu busquei uma academia de MMA, que eu achava que queria mais, queria mais adrenalina, eu queria tudo mais difícil, tudo mais forte e eu acho que o MMA me daria isso. Comecei a treinar e já logo no primeiro mês eu disse que quero competir e não quero competir no amador, quero competir no profissional, fazer logo a minha carreira, fiquei louca, me apaixonei.

A introdução do documentário apresenta ao espectador uma personagem cuja característica é o espírito competitivo, a ousadia e a ambição de querer sempre mais, sem medir os esforços, colocando-se em risco para conquistar seus objetivos. Isso é endossado por outros personagens que compõem o episódio, como a irmã de Bethe, que diz agora entender sua agressividade e rivalidade desde pequena, e seu treinador, que chama atenção para a importância da competitividade como o diferencial do atleta de sucesso: "Bethe é uma das atletas que a gente tem na academia mais competitiva que eu já vi".

A falta de experiência e o desejo de se tornar uma profissional fez com que ela mudasse completamente a vida. Pois diferentemente de outras atletas que treinam há muito tempo, Bethe começou relativamente tarde e por isso, segundo ela, precisou treinar muito mais do que as outras. O MMA é um esporte de alta performance que se aproxima do modelo

de masculinidade ligado à virilidade, na medida em que exige de seus atletas agressividade, resistência a dor e força física. Assim, garra e competitividade, comumente consideradas características masculinas, aparecem como a marca definidora desta atleta. Ao dizer que esses ideais de virilidade, como força física, firmeza, dominação, agressividade, existem dentro dela, como uma natureza, Bethe corrobora a tese de Butler (2003) segundo a qual não há relação entre o corpo de alguém e seu gênero. Diz a atleta:

Eu nasci para ser uma lutadora, não sei explicar isso, mas é forte dentro de mim. Eu digo que o MMA não é só para quem admira, sente vontade e acha lindo. É para quem aguenta mesmo, aguenta todas as dificuldades, pressões. Mesmo assim aquele prazer, sentimento de vitória supera tudo.

O MMA é um “divisor de águas” na vida de Bethe, como um renascimento. Para ela, “existem duas Bethes: a antes do MMA e a depois. A de antes era um pouco reprimida. Eu tinha muito fogo dentro de mim, eu tinha muita energia. Tinha muita coisa para dar e não estava me encontrando”. Antes do MMA, Bethe era casada, “cheirosinha”, pouco tempo depois, mudou sua vida completamente, chegando em casa suada, com equipamento “fedorento” e sempre cercada por homens, viajando com homens. Por isso, segundo ela, o casamento não aguentou essa mudança brusca, que ocorreu no curto período de dois meses. Desta forma, conta Bethe, teve de escolher entre o MMA e toda a sua vida anterior, inclusive o casamento: “ou eu me dedicava realmente ao meu casamento, a minha vida, ou então eu ia para a luta e eu escolhi dedicar à luta”.

Nesse episódio vemos a construção de uma personagem polêmica, provocadora e provocante. Ao mesmo tempo que é definida e define-se como competitiva por natureza, Bethe também sustenta a sua feminilidade. Enquanto aparece a sua imagem dentro de uma banheira com rosas, aparentemente em um spa, vemos a mesma contar que embora sua vida tenha se transformado completamente quando decidiu ser lutadora de MMA, ela ainda gosta de se cuidar. Não importa se o ambiente é masculino, se ela passa seu tempo perto só de homens, no meio de “gente suada e suja”, como diz. Tarefa considerada feminina, o cuidado com a beleza, não foi abandonado, como as demais partes da vida da atleta. O episódio mostra algo que à primeira vista parece uma contradição, que é o fato da atleta enaltecer características consideradas masculinas, como sua agressividade, ambição e força de vontade e ao mesmo tempo insistir em uma suposta essência feminina. Interessante é a associação que a atleta faz entre segurança, poder e feminilidade, que é mostrado nas encaradas:

E na encarada, eu gosto de me sentir segura. Eu tento, naquele momento usar uma roupa que eu me ache bonita, que eu me sinta uma mulher forte, poderosa. Eu gosto de sentir esse poder feminino. Então eu acho que até porque estou lutando contra uma mulher, eu quero me sentir até mais mulher do que a minha adversária.

Vemos, especialmente na narrativa de Bethe, a idealização da feminilidade, exposta por meio de cuidados de beleza, roupa justa, uso de maquiagem, salto alto, como um atributo de ser mulher, especialmente mulher heterossexual. Dessa forma, a despeito

de seu corpo musculoso, que remete ao que socialmente se considera um corpo masculino, Bethe Correia busca manter sua aparência ligada aos valores tidos como femininos, que remete à análise de Jardim (2017) sobre o mercado da beleza no MMA, que sendo visto como uma modalidade esportiva masculina, baseia-se em um

(...) modelo discursivo/epistemológico hegemônico da inteligibilidade do gênero, o qual presume que, para os corpos serem coerentes e fazerem sentido (masculino expressa macho, feminino expressa fêmea), é necessário haver um sexo estável, expresso por um gênero estável, que é definido oposicional e hierarquicamente por meio da prática compulsória da heterossexualidade (BUTLER, 2003, p. 216).

Assim, apesar do aumento do número de mulheres, tanto lutadoras quanto espectadoras dos eventos, este esporte ainda é visto como uma modalidade socialmente masculina, feito para o público heterossexual e de homens. Jardim (2017), em sua pesquisa, alerta para a constituição de um mercado no qual as lutadoras para impulsionar as suas carreiras precisam se apresentar belas, atraentes e *sexies*. Foi por isso, afirma a autora (2017, p.93), “que Ronda Rousey e Bethe Correia fizeram questão de apresentarem-se belas, *sexies* e femininas, nos eventos de divulgação de sua luta, que ocorreu na edição de número 190 do *UFC*”. A domesticação da masculinidade transparece na tentativa de se mostrarem sensuais e bonitas com vestidos curtos, justos e saltos altos, além da maquiagem. Pois quanto mais as atletas se encaixam no padrão de beleza feminina vigente, mais rentáveis e atrativas elas se tornam, podendo ser exploradas em anúncios publicitários, venda de ingressos, revistas e filmes. Tudo

isso corresponde à constituição de um mercado de beleza nos quais “marcadores de gênero, sexualidade e raça se articulam, delineando um modelo de atleta considerado ideal” (JARDIM, 2007, p.91).

Prosseguindo com a análise, após a exposição, onde descobrimos quem é a lutadora de MMA Bethe Correia, o documentário caminha para a complicação, na qual se desenvolvem os conflitos. Ao constatar que o *Jungle Fight*, maior campeonato da América Latina, não promovia há algum tempo lutas entre atletas femininas, Bethe diz que passou a fazer campanha no *tweet* para lutar neste campeonato, pedindo para que amigos e familiares *retwissem* seu pedido, marcando o presidente do campeonato *Waliid Ismail*. Com o aceite, Bethe luta com Erica Paes, veterana, de grande experiência internacional. Apesar de não ser a favorita, Bethe vence a luta e se torna conhecida no Brasil e no mundo. Isso foi um “divisor de águas” para essa atleta que diz: “Foi uma alegria. Sabia que agora a minha vida ia mudar. Tinha certeza e mudou muito”. Três meses depois Bethe foi chamada pelo *UFC*, sendo terceira lutadora brasileira a ser contratada pela franquia. Com uma curta história no MMA, Bethe passa a lutar contra atletas consagradas, com anos de experiência. Para seu técnico: “A Bethe foi esse exemplo, ela conseguiu fazer um feito e o bacana é que quase ninguém consegue, ela conseguiu sair de um zero e menos de um ano estar competindo com atletas que faziam aquilo a vida toda”. Neste momento, o enredo discorre sobre as dificuldades da atleta, a descrença de todos sobre ela, pelo fato de ser tão nova neste esporte tão difícil e competitivo, treinando “[...] numa salinha pequenininha, de tatame, toda esburacada,

não tinha nada, só tinha o coração de guerreiro da gente. Muita vontade”.

A partir daí, com o sonho de ser a melhor lutadora do mundo, Bethe deseja lutar com a campeã do UFC, Ronda Rousey. Para tanto, passa a provocá-la. Bethe aproveita a luta e a vitória que obteve contra a americana Jessamyn Duke, no UFC 172, para provocar Ronda com um sinal mostrando quatro dedos e abaixando um, referindo ao quarteto *Four Horse Woman* (quatro cavaleiras), grupo de meninas que treinavam com Ronda. A notícia com Bethe desafiando o grupo e a ex-campeã repercutiu no mundo inteiro. Após as provocações, Bethe foi marcada para enfrentar outro membro do *Four Horse Woman*, a veterana Shayna Baszler, no UFC 177. Após vencer a luta ela novamente desafia a ex-campeã Ronda Rousey, ficando conhecida como *Horse Woman Killer* (“Matadora de cavaleiras”). Bethe conta como conseguiu provocar Ronda a ponto de conseguir uma luta com a campeã:

Eu ganhei da Jessamy, baixei o primeiro dedo; quando eu ganhei da Shaynar, baixei o segundo dedo. Ai eu peguei e falei: agora sim, como a terceira café com leite, eu quero a campeã, eu quero a Ronda e deu certo (rindo). Muitos não aprovaram, mas eu aprovei e faria tudo de novo.

O documentário mostra uma imagem de Bethe na apresentação do *UFC*, dizendo para os repórteres que seu

[...] sonho é ser a campeã, lutar pelo título e ser a melhor do mundo [...] e que está invicta, com três lutas no UFC, pronta para lutar com Ronda, ganhar dela e ser a melhor do mundo.

O clímax, maior momento de tensão do enredo, ocorre quando Ronda aceita o desafio e o documentário mostra as provocações entre ambas as atletas. Há no documentário um cuidado em dissociar “a Bethe lutadora com a Bethe pessoa”, porque as pessoas não entendem bem a personagem Bethe lutadora, que demonstra compreender que o UFC é um evento midiático, que precisa de um incremento para despertar a atenção do público. Diz Bethe: “Às vezes a rivalidade me instiga, instiga a minha vontade. Eu acho que o esporte cresce mais rápido quando se tem público e a rivalidade dá mais audiência, as pessoas ficam mais curiosas”.

Nesse momento, o documentário intercala imagens de Bethe e de Ronda, mostrando o clima pré-luta, que foi tenso e repleto de polêmicas entre ambas, gerando muita repercussão pela mídia. O estopim foi uma entrevista de Bethe ao *Combate.com* (28/5/2015) associando a derrota de Ronda com um suposto suicídio:

Quando ela sentir a pressão e vir que estarei preparada para lutar contra ela, quero ver qual será a reação que terá. Ela não é uma pessoa boa de cabeça, precisa se cuidar. Está cheia de gente em volta dela, está vencendo, mas quando cair na real e vir que não é tudo isso, nem sei o que poderá acontecer. Espero que ela não se suicide (risos).

Este comentário foi muito criticado, porque o pai de Ronda se matou quando ela ainda era criança. Muito embora Bethe tenha se desculpado posteriormente no seu *tweet*, alegando que não tinha se referido ao pai, mas o próprio histórico de Ronda, que é de uma pessoa também polêmica, que humilha as

adversárias, mas que “posa de heroína”, esse comentário infeliz acabou sendo muito explorado pela mídia e usado a favor de Ronda, contra Bethe. A tal ponto que na pesagem do *UFC*, que foi no Brasil, Bethe foi vaiada enquanto Ronda, aplaudida pelos brasileiros. Bethe diz que o comentário gerou muita polêmica e que Ronda usou isso para dramatizar, para se fazer de vítima, de coitadinha: “Não me referi em nenhum momento ao pai dela, então usaram isso, assim como ela virou a mocinha e eu a vilã”. Nesse momento, é possível ver o lado humano de Bethe *Pitbull*, por meio da irmã, segundo a qual

[...] quando ela foi vaiada, acho que um dia antes da pesagem que teve lá no Rio de Janeiro, ela voltou, ela chorou, coisa que eu nunca tinha visto Bethe chorar, eu notei que ela sentiu, ela sentiu dos brasileiros, a falta de um apoio, entendeu? De apoiar uma americana que também falou, que xingou, que esculhambou, fez o marketing dela, mas que na hora o pessoal preferiu ficar do lado da americana.

O documentário tem o cuidado de mostrar o caráter espetacular do *UFC*, nos momentos que antecedem as lutas, durante as lutas e o tempo posterior às lutas.

No desfecho, sob a imagem de Ronda vencendo Bethe em uma luta que durou cerca de 34 segundos, Bethe fala sobre o seu percurso, ao ser derrotada pela primeira vez. Ao invés de tristeza ou algum tipo de arrependimento pelo que tenha dito ou feito, a postura de Bethe é de alguém que se entregou, que fez tudo de coração, em uma das lutas mais comentadas e vistas da história do *UFC*, gerando grande repercussão midiática.

Nas palavras de Bethe, “depois da luta contra Ronda, Dana White falou comigo parabenizando toda a minha entrega para essa luta e eu me senti honrada, eu acho que fiz um ótimo trabalho”. Afinal, foi uma luta que gerou muita renda, antes mesmo de acontecer, além de público. E nesse sentido, fica aqui o questionamento acerca da transformação do(a) atleta profissional em um(a) promotor(a) de eventos, que para alavancar lutas precisa lançar mão de provocações; e de um torneio que, mais do que o esporte, promove o “simulacro” (BAUDRILLARD, 1991) de uma luta, porque a luta em si pouco importa se não vier com um grande público e uma divulgação midiática capazes de gerar lucros astronômicos.

Considerações finais

Este trabalho discutiu como a série documental representa simbolicamente a lutadora Bethe Correia e que concepção de gênero e seus desdobramentos na experiência esportiva são construídos pela atleta ao narrar sua vida a partir de um local tradicionalmente masculino, como é o MMA.

Sob o título *Mulher fatal*, o episódio analisado constrói uma narrativa na qual a protagonista – Bethe Correia – desafia fronteiras binárias de gênero tanto do ponto de vista corporal cuja estética remete a um corpo forte, hipertrofiado, musculoso que foge ao padrão do que é convencionalmente considerado feminino, quanto do ponto de vista de sua postura, que é ser competitiva, agressiva, determinada, convencionalmente condizente com o universo masculino; subvertendo, assim, as normas sociais, posto que rompe com a linearidade da matriz sexual instituída.

Outro aspecto importante que aparece no episódio é a associação que Bethe faz entre beleza, fe-

minilidade e poder. Ao mesmo tempo em que exalta seu espírito guerreiro e competitivo como algo natural, a lutadora afirma que gosta de se sentir mulher, que neste caso significa se sentir bonita, algo próximo à concepção hegemônica de feminilidade. Essa associação entre feminilidade e poder não pode ser ignorada, pois revela a lógica binária por meio da qual se estrutura uma sociedade na qual os gêneros masculino e feminino são vistos como opostos, reforçando as estruturas patriarcais. Nesse caso, a atleta reafirma as convenções de gênero informadas pela matriz heterossexual, que impõe um modelo de inteligibilidade de gênero cuja centralidade ao masculino serve como parâmetro. Para se sentir e ser aceita como mulher, Bethe Correia se identifica com uma concepção descritiva de gênero feminino, na qual permanecer mulher, a despeito de seu corpo musculoso e forte, é não perder a sua feminilidade que seria, conforme se vê em sua narrativa, algo totalmente oposto ao masculino.

As relações de gênero, desta forma, produzem diferenças por meio de sistemas de representações baseados na reprodução de uma lógica na qual a mulher (seja lutadora, espectadora ou *ring girls*) é submetida a dispositivos para os quais a sua aparência é de extrema importância. Inserido em uma sociedade globalizada e midiática, o *UFC* é um campeonato feito para um público heterossexual e de homens, mesmo sendo acompanhado cada vez mais por um número maior de mulheres. Diante disso, várias atletas buscam se encaixar no padrão hegemônico de beleza feminina, domesticando seus corpos musculosos com saltos, maquiagem e vestidos sensuais. Quanto mais próximas às expectativas da sociedade de con-

sumo, mais seus corpos e aparências se tornam objeto de desejo, podendo ser exploradas em anúncios publicitários, venda de ingressos, revistas e filmes. Tudo isso corresponde a constituição de um mercado de beleza nos quais “marcadores de gênero, sexualidade e raça se articulam, delineando um modelo de atleta considerado ideal” (JARDIM, 2007, p.91).

Ademais, por meio de Bethé Correia é possível perceber o caráter espetacularizado sobre o qual o UFC se ancora. “Atletas provocadores demais são os típicos lutadores que a torcida odeia, mas ao mesmo tempo são os que mais atraem público e, consequentemente, os que mais dão lucro para os responsáveis pelo UFC” (DEL SANT, 2015). Como a “fêmea fatal” do século XXI, esta atleta nos mostra que não basta apenas ser uma boa lutadora, como também deve apresentar uma boa performance midiática, buscando tornar-se notícia por meio de polêmicas, assim como, da exploração da feminilidade por meio de saltos altos, vestidos justos e maquiagem, em um esporte que ainda é feito para um público masculino e heterossexual.

Referências

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. 3 ed. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2004.

ALVAREZ, Fábio; MARQUES, José Carlos. Da marginalidade ao *mainstream*: reflexões sobre o MMA (Artes Marciais Mistas) e as sociedades capitalistas contemporâneas **E-Compós**, Brasília, v.16, n.3, set./dez., 2013. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/965/713>. Acesso em: 20 de mar. 2015.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BBC Brasil. Como o MMA evoluiu da 'brutalidade' e se tornou um negócio mais valioso que o Real Madrid. **BBC Brasil**, 16 jul. 2016. Dispo-

nível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-36782079>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. Ijuí: Unijuí, 2003. 2.ed.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARR, Joe. UFC: o gosto pelo esporte é mais forte que a crise. In: FILIPPE, Marina. **Exame**, 27 mar. 2017. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/revista-exame/o-gosto-pelo-esporte-e-mais-forte-que-a-crise/>. Acesso em: 22 jun. 2019.

CASTELLS, Manoel. **A sociedade em rede: a era da informação**: economia, sociedade e cultura. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

DEL SANT, Leonardo. UFC usa psicologia como estratégia de marketing. **Webjornal Unesp**. 4 set. 2015. Disponível em: <https://webjornalunesp.wordpress.com/2015/09/04/ufc-usa-psicologia-como-estrategia-de-marketing/>. Acesso em: 5 jul. 2019.

GRESPLAN, Carla Lisbôa. Mulheres no Octógono: performatividades de corpos e de sexualidades. 2014. 119 f. **Dissertação** (Mestrado) - Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2014.

JARDIM, Juliana Gomes. "It's time"! MMA feminino, mercado da beleza e cisheteronormatividade: uma etnografia multissituada com lutadoras brasileiras. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2018.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: **Diferenças, igualdade**. Heloisa Buarque de Almeida, José Eduardo Szwako (orgs.) - São Paulo: Berleandis & Vertecchia, 2009.

ROCHA, Pedro. Série documental do GNT mostra as histórias de lutadoras de MMA. **O Estado de S. Paulo**, 2 de dez. 2018. Disponível: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/radar-cultural/serie-documental-do-gnt-mostra-as-historias-de-lutadoras-de-mma/>. Acesso em: 3 fev. 2019.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. (7ª ed.) Petrópolis: Vozes, 2008, p. 343-364.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: notas sobre a "economia política" do sexo**. Recife: SOS Corpo, 1993.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SANTOS, T. C., & LOPES, F. T. P. (2017). Esporte, gênero e ideologia: a (des) construção de Ronda Rousey no comercial #PerfectNever. **E-Compós**, v. 20, n. 3. Disponível: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1323>. Acesso em: 12 nov. 2018.

SILVA, A. Anderson Silva se revolta contra Dana e o UFC: "é sacanagem e palhaçada". **Combate**, 9 de maio de 2017. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2017/05/anderson-silva-se-revolta-contradana-e-o-ufc-e-sacanagem-e-palhacada.html>. Acesso em: 02 jul. 2017.

SCOTT, Joan W. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, 1990.

VICENTIM, Joice. Ronda Rousey: conheça a história desse furacão que mudou o destino do MMA feminino. 5 fev. 2013. **MMA Premium**. Disponível em: <http://mmapremium.com.br/16783/rondarousey-conheca-a-historia-desse-furacao-que-mudou-o-destino-do-mma-feminino>. Acesso em: 12 dez. 2015.

Dados da autora

Tarcyanie Cajueiro Santos

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-7913-3492>

Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade de Sorocaba, Uniso

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba